



## **“QUE VALE ESSE CORPO TODO, MAS SEM CABEÇA PARA PENSAR”<sup>1</sup>: REFLEXÕES SOBRE A “UTILIZAÇÃO” DOS CORPOS NA CAPOEIRA ANGOLA EM GOIÂNIA.**

Alessandra Barreiro da Silva<sup>2</sup>

**Resumo**<sup>3</sup>: Marcel Mauss ao pesquisar as técnicas do corpo chegou à conclusão que os movimentos, gestos e comportamentos são aprendidos socialmente e constituídos de significados específicos em cada cultura. Este trabalho faz um estudo sobre o corpo e suas técnicas a partir do estudo de autores da Antropologia em diálogo com autores da capoeira e capoeiristas, bem como informações inscritas nos corpos dos angoleiros e angoleiras. O diálogo com os referenciais teóricos propicia conceitos e reflexões importantes sobre as técnicas do corpo, e ao mesmo tempo deixa explícita a necessidade de aprofundar este estudo dentro da capoeira Angola em Goiânia, tendo em vista que essa prática corporal carrega marcas gerais da capoeira Angola de Pastinha, e ao mesmo tempo constrói e reconstrói características que garantem algumas singularidades.

**Palavras chave:** capoeira Angola, corpo e técnicas do corpo.

### **Abstract:**

Marcel Mauss to the research techniques of the body came to the conclusion that the movements, gestures and behaviors are learned and socially constituted of specific meanings in each culture. This work is a study of the body and its techniques from the authors of the study anthropology in dialogue with authors of capoeira and capoeiristas, as well as information entered into the bodies of angoleiros and angoleiras. Dialogue with references theoretical concepts and provides important reflections on the techniques of the body, and at the same time makes explicit the need to deepen this study within the capoeira Angola in Goiania, considering that this practice general body bears marks of capoeira Angola Pastinha, while constructs and reconstructs characteristics that guarantee some singularities

**Keywords:** Capoeira Angola, body and body techniques.

---

<sup>1</sup> Ladainha retirada do CD de Mestre João Pequeno de Pastinha, mestre angoleiro discípulo direto de mestre Pastinha, da autoria de Alex Muniz.

<sup>2</sup> Licenciada em Educação Física pela Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás, Especialista em Metodologia do Ensino Fundamental-Ênfase em Inclusão pelo Centro de Pesquisa Aplicado a Educação - UFG e Mestranda em Antropologia Social nesta mesma universidade.

<sup>3</sup> Artigo produzido como trabalho final da disciplina Teoria Antropológica I, ministrada pelo professor Alex Ratts, no Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás. Este artigo foi construído com base nas discussões realizadas em sala, leituras complementares, tanto no campo da Antropologia quanto da capoeira, bem como a partir de dados de observações preliminares em campo e da minha experiência de quatorze anos no universo da capoeiragem.





## 1. Introdução:

Antes de iniciarmos nossas reflexões sobre o tema proposto, é interessante contextualizar o tempo e o lugar desse artigo. Durante a defesa do projeto para seleção do mestrado em Antropologia, intitulado “As representações de capoeira Angola de Pastinha no Grupo Calunga”, atualmente modificado para “Trajetórias, identificações e corporeidades na Capoeira Angola de Pastinha em Goiânia”, vinculado à linha de pesquisa “Corpo, representações sociais e marcadores sociais da diferença”, fui questionada sobre fato de não discutir corpo em um projeto que estaria vinculado a linha de pesquisa sobre corpo. Naquele momento respondi com um argumento apresentado por Mestre Bola Sete (2003, p.188 e 189, grifo nosso):

Atualmente tenho presenciado capoeiristas rotularem outros angoleiros ou regionais, pelo simples fato de levantarem a perna em demasia ou aplicarem determinados golpes. Tendo sido um dos integrantes do Centro Esportivo de Capoeira Angola do Mestre Pastinha, convivi com dezenas de capoeiristas na década de 60 e 70, até mesmo freqüentando o centro de Cultura Física e Regional, do mestre Bimba, e posso afirmar que o que menos diferencia a angola da regional são os golpes usados durante o jogo [...] Portanto o que difere realmente a angola da regional é, principalmente, a filosofia empregada nas duas escolas.

A partir das discussões realizadas por Mestre Bola Sete (2003) acreditei que o estudo sobre corpo não caberia no trabalho, já que a principal diferença entre angola e regional estava na filosofia e não nos golpes. Após os estudos realizados na disciplina Teorias Antropológicas I, particularmente sobre “As técnicas do corpo” de Marcel Mauss, compreendi que esta *filosofia* a que Mestre Bola Sete (2003) se refere também é representada através do corpo, sobre o corpo e com as técnicas do corpo. Sendo assim o trecho da ladainha de angola, “Que vale esse corpo todo, mas sem cabeça para pensar” é um primeiro indício sobre como o corpo é compreendido na capoeira Angola.

Sobre a noção de técnica do corpo Mauss (2003, p.401) afirma: “Entendo por essa expressão as maneiras como os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional sabem servir-se dos seus corpos.” A partir da compreensão de técnicas do corpo apresentadas por Mauss, percebemos a amplitude desse estudo. Para além da simples análise dos movimentos: alto, baixo, rápido, lento, também necessária, temos a exaltação ou não dos corpos, as formas com que os corpos são cobertos, o lugar que esses corpos ocupam na roda, as formas de se posicionar, tocar os instrumentos, treinar, revidar ou não a um ataque, entrar e sair da roda, entre tantos outros elementos que o corpo, como a primeira forma de comunicação com mundo, pode expressar, contar e representar um grupo. “No corpo estão inscritos todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente que o cerca.” (DAOLIO, 1994, p.39)

Alguns autores como Alejandro Frigerio (1989), Luis Renato Vieira (1998) e Leticia Reis (2000) abordaram em seus trabalhos características do jogo de capoeira Angola comparando com o jogo de capoeira Regional. Neste momento, levantaremos estas diferentes formas de utilizar os corpos na capoeira, contudo, sem a pretensão de hierarquizar essas





práticas, mesmo que isso apareça em alguma obra. Como aponta Abib (2004, p.29): “Toda identidade se estabelece em oposição explícita a outra identidade.” Pires também afirma (2002, p.89): “A capoeira Regional e a capoeira Angola foram construídas em oposição uma a outra.” Portanto, para entendermos as formas de utilização do corpo na capoeira Angola teremos que relacionar com o que se observa na capoeira Regional.

Frigerio (1989) apresenta algumas características do jogo de Angola como: malícia (capacidade de surpreender o outro, brincar, enganar fechar-se), complementação (joga-se sempre perto do rival, respondendo sempre com ataque defesa ou contra-ataque), majoritariamente jogo baixo, ausência de violência (prevalece o aspecto de jogo, não de luta), movimentos bonitos (esses movimentos são feitos dentro do jogo, encolhido e protegido. Aqui prevalece uma estética que mantenha a eficácia do jogo), música lenta, que exige um domínio do corpo e que faz com que os jogos sejam muito mais demorados, importância do ritual (saída do pé do berimbau, pedida de Aú) e teatralidade (expressões do rosto, de medo, de alegria).

Mesmo que o nosso objetivo central não seja comparar esses dois macroestilos de capoeira, achei importante trazer as características da capoeira Regional como uma forma de refletirmos sobre o cuidado que devemos ter sobre os extremos e generalizações, tendo em vista as possibilidades de criação e recriação de acordo com as diferentes necessidades e contextos.

Além das características comuns às apresentadas por Frigerio, Reis (2000, p.191) apresenta outros elementos que identificam as técnicas do corpo na capoeira Angola: “jogo mais pelo chão, jogo mais na defesa, corpos não se tocam, ginga mais dançada.” É interessante observar o uso da palavra *mais*, pois dá a entender que existam outras possibilidades e que isso não seja uma regra. Sendo assim, acrescentaria à característica *os corpos não se tocam* as palavras “na maioria das vezes”, tendo em vista que por mais que *os corpos não se tocam* possa ser um princípio da capoeira Angola, pode acontecer, tanto com os iniciantes que ainda não conseguem controlar seus corpos, quanto com os indivíduos que fogem à regra do grupo, sabendo que mesmo influenciado pelas representações coletivas o ser humano também possui consciência individual.

Após esta explanação geral e teórica, sobre algumas técnicas do corpo presentes na capoeira Angola entraremos na roda *com corpo todo e com a cabeça para pensar*.

## **2. *Que vale esse corpo todo, mas sem cabeça para pensar: entre o que está escrito nos livros e o que está inscrito nos corpos dos angoleiros***

“Ao corpo se aplicam, portanto, crenças e sentimentos que estão na base de nossa vida social e que ao mesmo tempo não estão subordinados diretamente ao corpo.” (RODRIGUES, 2006, P.49). Talvez esta seja uma aproximação, ideia, para pensarmos o título desse artigo. O corpo e as técnicas do corpo não são aqui compreendidos e aprendidos apenas como atividades instrumentais, mas principalmente como atividade expressivas, simbólicas, capazes de expressar ideias, emoções, valores (RODRIGUES, 2006), portanto com significados singulares nas diferentes culturas.





O trecho da ladainha encontrada no CD João Pequeno de Pastinha, produzido em maio de 2002, Salvador-Bahia juntamente com a experiência da pesquisadora no universo da capoeiragem e os dados das primeiras aproximações com campo, nos indicam que a capoeira Angola aborda esse jogo como o xadrez em que para cada golpe realizado existe toda uma análise e estratégia construída, com objetivo do angoleiro ganhar o jogo, não através da força física, mas da experiência, que é expressa pelo capoeirista através de sua mandinga. Mestre Curió *apud* Vieira(1998, p.112) ao explicar o conceito de mandinga apresenta mais dados para entendermos esse jogo:

Existem muitas partes da mandinga. Existe a mandinga da magia negra e a mandinga da malícia do capoeirista, quando ele se diz realmente capoeirista. E com especialidade quando ele angoleiro. Não que não existam elementos da regional que não sejam mandingueiros. Porque tem pessoas que se preocupam em chegar na roda e trocar pancada e dizer que é bom. Mas não é o bom. Mandinga é isso, é sagacidade é você poder bater no adversário e não bater. Você mostrar que não bateu porque não quis, não é você quebrar a boca do camarada, dar cabeçada, quebrar costela, dar murro na cara que é capoeira não.

Se abordarmos essa análise na linha dos autores anteriores, que diferenciaram e compararam capoeira Angola com a capoeira Regional, podemos dizer que a capoeira Regional exalta mais o corpo e a capoeira Angola exalta mais a mente, sem, contudo acreditar que um exclua o outro tendo em vista não acreditarmos em uma possível separação entre corpo e mente, o que há é uma maior e menor valoração.

A partir dessa ideia de exaltação dos corpos, poderíamos levantar alguns pontos de análise: a composição corporal dos capoeiristas, idade, o lugar onde se treina e as formas de transmissão dos conhecimentos relacionados à capoeira. Dentro da capoeira Regional observamos o aumento do número de capoeiristas “bombados”, aqueles que na maioria das vezes fazem uso de anabolizantes, suplementos e/ou dedicam grande parte de seu tempo em academias para o ganho de massa muscular e aquisição do “corpo ideal”. Esse fato, bastante estudado no campo da Educação Física, faz parte, tanto dos movimentos da indústria da beleza/estética quanto da mídia que constrói e difunde um padrão de beleza, como do imaginário existente sobre o “lutador”.

Vê-se que a população do país exhibe tantas e numerosas variações raciais e culturais que incorreria erro aquele que postulasse a existência, entre nós, de um universo padronizado dos modos da definição, avaliação e representação de uma beleza tipicamente brasileira. (QUEIROZ, 2000, P.12)

Novamente volto a contestar as posições extremistas e generalizadoras, portanto não estou dizendo que esta busca exacerbada pelo dito corpo perfeito seja exclusiva dos praticantes de capoeira Regional, mas que se apresenta em maior proporção exatamente por outros objetivos desta prática, como participação de campeonatos, o maior caráter de luta e contato físico empregado na capoeira Regional.







A respeito da faixa etária dos praticantes, me parece que temos mais crianças praticando capoeira Regional em relação a Angola e uma proporção inversa para adultos. Alguns explicam esse fato da seguinte forma: a capoeira Regional exige mais habilidades motoras, força, flexibilidade, tem saltos, sendo assim seria mais atrativa e possível de ser praticada por crianças e mais difícil para um adulto, principalmente com idade mais avançada. Entretanto, para qualquer pessoa que teve a oportunidade de vivenciar corporalmente as duas práticas saberia que essa explicação não é verdadeira. O padrão corporal ou a idade dos praticantes tem uma relação muito maior com as propostas sociais e filosóficas de cada vertente do que com a capacidade mecânica de cada corpo. “Portanto o que importa é a forma como cada um desses corpos é construído, cuidado, educado, concebido, valorizado, enfim, representado. (DAÓLIO, 1994, p.42).

Mauss (2003, p.409) ao apresentar os princípios de classificação das técnicas do corpo vai dizer: “Duas coisas imediatamente visíveis a partir dessa noção de técnicas do corpo: elas se dividem e variam por sexos e por idades.” Ao explicar as diferenças por idade reconhece os fatores de hereditariedade, fisiológico e psicológico, mas também de ordem social.

A criança se agacha normalmente. Nós não sabemos mais nos agachar. [...] Há, portanto coisas que acreditamos ser de ordem da hereditariedade e que são na, verdade, de ordem fisiológica, de ordem psicológica e de ordem social. [...] As técnicas do corpo podem se classificar em função de seu rendimento, dos resultados do adestramento. O adestramento, como a montagem de uma máquina, é a busca, a aquisição de um rendimento. [...] Creio que a educação fundamental das técnicas que vimos consiste em fazer adaptar o corpo a seu uso. (MAUSS,2003, p. 409, 410 e 421)

Continuando a discussão sobre a exaltação dos corpos na capoeira outro elemento importante para pensarmos o corpo, é o lugar onde se pratica capoeira. Encontramos vários grupos de capoeira Regional ministrando aulas em academias de ginástica e musculação e muitas vezes utilizando os *slogans* do *fitness*, de saúde, qualidade de vida, bem-estar, fortalecimento, ganho de massa muscular ou perda de gordura, ou seja, as aulas de capoeira em alguns momentos adquirem um caráter de ginástica.

A partir de levantamentos iniciais identificamos que nenhum grupo de capoeira Angola, em Goiânia, desenvolve atividades em academias de ginástica. Mesmo sabendo que a quantidade de grupos de capoeira Angola na cidade é muito menor que de Regional, a não utilização desse espaço é uma escolha consciente, e diretamente relacionada à concepção de capoeira. Mestre Guaraná em uma fala pública realizada no dia 14 de abril de 2012 no evento de inauguração do Ponto Cultural Buracão da Arte da Associação de Capoeira Angola do Estado de Goiás, Goiânia, afirma: “A mídia não aceita nossas estéticas.” Como retratado anteriormente, a mídia difunde um padrão de corpo e beleza. Como a capoeira angola rejeita esses padrões, certamente a mídia não será uma aliada.

A respeito do último item sobre os princípios de classificação das técnicas do corpo apresentados por Mauss (2003, p.411) “transmissão da forma das técnicas”, observamos que, se por um lado a capoeira Regional trabalha na perspectiva de padronização dos movimentos, onde os alunos ficam em fila, geralmente por ordem de graduação, e copiam os movimentos do mestre ou dos mais graduados, com várias séries de repetição, seguindo padrões de





treinamentos influenciados pelo processo de esportivização<sup>4</sup>, ao contrário, na capoeira Angola os alunos se espalham no espaço e realizam seus movimentos a partir das instruções do mestre. Mestre Chuluca, mestre residente na Cidade de Goiás, em uma fala pública no evento de comemoração do dia da Consciência negra, realizado no dia 19 de setembro de 2011 na cidade de Goiânia, organizado pelo Grupo Calunga de capoeira Angola, afirmou que não ensina os alunos a gingarem, pois gingar é como andar, cada um tem uma forma própria.

No desenrolar das inscrições dos corpos, aparece um elemento extremamente importante da capoeira: a ginga<sup>5</sup>. Mestre Janja Rosângela Araújo, mestre e doutora em Educação, residente em Salvador em uma roda de conversas realizada dia 19 de março de 2012 no evento Ginga Menina, Goiânia, afirma que: “Gingar é que é a raiz da capoeira. Ginga não é só movimento, é um movimento de corpo politizado.” Essa fala nos ajuda a entender a afirmação do Mestre Chuluca de que não ensina a ginga, pois isto está diretamente relacionada à concepção de sociedade, corpo e capoeira. Ao mesmo tempo se tomarmos os estudos de Mauss (2003) sobre técnicas do corpo saberemos que mesmo que a ginga não seja formalmente ensinada, o exemplo, ver outros angoleiros gingando, conduz a uma aprendizagem, educação e adaptação dos corpos, reconhecendo que isso ocorre com maior liberdade na capoeira Angola.

“Era uma maneira adquirida, e não uma maneira natural de andar. Em suma, talvez não exista uma ‘maneira natural’ no adulto” (MAUSS, 2003, p.405). Assim como o andar, gingar também é uma maneira adquirida. Quando Mauss (2003) observa as enfermeiras andando no hospital e remete à forma como se andava no cinema, ou quando consegue caracterizar o andado de uma jovem educada no convento aborda as técnicas do corpo como representações sociais coletivas e, ao mesmo tempo, demarcadora de identidade. Assim compreendo a ginga como uma forma de identificar os angoleiros, ou capoeiristas de forma geral. Frequentemente quando vejo um capoeirista gingando associo a uma vertente de capoeira, porque as representações coletivas constroem identidades coletivas e apropriação de técnicas corporais comuns a um grupo. “No corpo estão inscritos todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente que o cerca. (DAÓLIO, 1994, p.39)

Além da ginga, a *chamada* se tornou um elemento identificador da capoeira Angola, “um dos rituais mais característicos da capoeira Angola” (VIEIRA, 1998, p.108), não somente pela forma, técnica corporal em que é executada, mas principalmente por ser executada somente no jogo de Angola, mesmo que não seja exclusiva dos angoleiros<sup>6</sup>.

<sup>4</sup> Segundo Silva (2005) O processo de esportivização leva a capoeira assumir vários códigos esportivos de padronização e tende a transformá-la em esporte.

<sup>5</sup> O termo “ginga” refere-se, segundo Câmara Cascudo (2001), à *Njinga Mbandi*, ou simplesmente, rainha *Jinga*, que reinou em Angola entre os séculos XVI e XVII, e era muito respeitada não só em sua região, como entre os colonizadores portugueses e espanhóis que governavam África nesse período.(...) O termo ginga, na capoeira, remete a um imaginário de conflito e negociação expresso pela ação política da rainha *Jinga*, no embate com os colonizadores/invasores europeus, e também aos seus atributos de magia, que segundo histórias da capoeira, permitia que ela aparecesse e desaparecesse durante as batalhas que liderava em África.(ABIB, 2004, p. 142 e 143)

<sup>6</sup> Em outro artigo: Sou angoleiro que vem de Angola: identidade e identificações da capoeira Angola de Pastinha em Goiânia, faço uma discussão sobre identidade que diferencia o angoleiro do capoeirista que joga Angola.





A chamada é uma filosofia do angoleiro, é a malícia do angoleiro. Porque hoje a humanidade preocupa muito em ficar forte, em fazer artes marciais, em ficar atleta prá jogar capoeira. A capoeira não depende disso. A capoeira depende da técnica, da malícia e sagacidade. Quando o camarada ta muito brabo na roda, quer bater, quer pisar, eu chamo ele. Ele vai atender do jeito que souber. Porque a violência do angoleiro não está em dá rasteira, nem pontapé, nem murro. A malícia do angoleiro está realmente na chamada. (MESTRE CURIÓ *apud* VIEIRA, 1998, p.108)

Ainda sobre a chamada Abib(2004, p.142) acrescenta:

A *chamada* é um momento de quebra e interrupção no andamento do jogo. É um *parentesis* na sucessão de movimentos de ataque e defesa incluindo também a ginga, onde um jogador promove a ruptura dessa dinâmica, “chamando” o outro, e assumindo uma posição estática e de observação. O outro então se aproxima lenta e cuidadosamente, pois pode ser surpreendido com um ataque inesperado daquele que o chamou, até conseguir um contato corporal com este, quando inicia-se então um “bailado” entre os dois jogadores, que se deslocam alguns passos para frente e para trás, sem que seus corpos se “descolem” um do outro.

Essa técnica do corpo, *chamada de angola*, carrega uma filosofia, uma forma peculiar de ser executada, que mesmo realizada por capoeirista de outras vertentes de capoeira, nem sempre levará o mesmo sentido. Emma Otta (2000, p.20) ao realizar um estudo sobre “O sorriso e seus significados” explica como um mesmo gesto, assim como a *chamada*, pode ter significado e emoções diferentes nas diferentes culturas:

Brasileiros, japoneses e nativos da Nova Guiné expressão as emoções básicas com as mesmas expressões faciais, mas regras de exibição que determinam quando, como e com relação a quem uma expressão emocional deve ser exibida podem variar de cultura para cultura.

Sobre as chamadas de angola, também dependemos de maiores informações que não são encontradas no estudo teórico, mas do aprofundamento do trabalho de campo. Mesmo com alguns limites, sabemos que os detalhes nos corpos, carregam grande simbologia e são estas que tentaremos desvendar no decorrer da pesquisa.

Há dez anos, quando fiz uma pesquisa participante no Grupo Calunga de capoeira Angola, fiz alguns questionamentos sobre o uso da chamada. Uma das perguntas foi se havia uma obrigatoriedade de realizar a chamada com a mão direita, Mestre Guaraná respondeu que não, que você deve entrar na chamada com a mão que a pessoa chamou para manter a defesa e não deixar espaço para o golpe entrar. O interessante é que durante o período de um ano que acompanhei o grupo e os dez anos que mantenho contato com a capoeira Angola, nunca vi ninguém fazer chamada com a mão esquerda entre os angoleiros, também ouvi em

---

Resumidamente podemos dizer que angoleiro é aquele que pratica exclusivamente capoeira Angola, segue princípios e valores específicos dessa prática, o que não exclui a possibilidade de capoeiristas de outras vertentes jogarem capoeira angola.





orientações de competições organizadas pela Federação de Capoeira do Estado de Goiás que os atletas que fizessem chamada com a mão esquerda perderiam ponto. Assim como dar volta ao mundo no sentido anti-horário, poderíamos considerar este fato como uma convenção, mas Hertz (1980, p.111) ao estudar “A Proeminência da Mão Direita” faz um estudo aprofundado sobre a preferência pela mão direita e aponta uma explicação para o fato:

Já nos deparamos com essa noção: para a direita é a idéia do poder sagrado, regular e benéfico, o princípio de toda atividade afetiva a fonte de tudo que é bom, favorável e legítimo, para a esquerda está a concepção ambígua do profano e do impuro, o fraco e incapaz que é também maléfico e temido.

Saindo da chamada e votando roda, podemos observar não só a posição dos corpos, mas alguns padrões e exceções de comportamentos nesse lugar de respeito e norma chamado *roda*. Mestre Bola Sete (2003) afirma que existe uma forma tradicional de compor a roda, onde a bateria é formada por três berimbaus, um ou dois pandeiros, um atabaque, um agogô e um reco-reco. É fato que as rodas dos angoleiros em Goiânia sejam compostas por esta instrumentação, variando a ordem, localização e formas de tocar os instrumentos.

Os dois capoeiristas que vão vadiar, agacham-se ao “pé do berimbau”. O “berimbau mestre”, geralmente na mão do “mestre de bateria”, dá início ao toque, sendo logo seguido pelos outros dois berimbaus e o (s) pandeiro(s). Passando de algum tempo, ele dá início ao canto de ladainha e, logo depois passa ao canto de entrada, quando entram os demais instrumentos, terminando o canto de entrada com o verso “que o mundo dá”, que é a senha para o início do jogo, vindo logo a seguir do “canto corrido”. Os dois capoeiristas que até então estão agachados ao pé do berimbau, ouvindo as cantigas e fazendo suas orações, colocam as pontas dos dedos no chão, fazem sinal da cruz apertam-se as mãos e dão início ao jogo, que geralmente começa no chão, ao que chamamos de jogo de dentro. [...] Assim continua a “brincadeira” até o berimbau-mestre chamá-los por meio de um toque especial, quando os capoeiristas se agacharão novamente ao pé do berimbau e no apertar das mãos darem por encerrado o jogo [...] (MESTRE, 2003, p.70)

Uma questão para análise seria até que ponto os comportamentos apresentados se constituem como uma regra para capoeira Angola, nos diferentes lugares e diferentes contextos.

Durante o tempo que realizei um trabalho de pesquisa (Oficina experimental – disciplina do curso de Educação Física) com o Grupo Calunga de capoeira Angola, no ano de 2003 juntamente com o tempo que apreciei e acompanhei atividades dos angoleiros em Goiânia, vi os capoeiristas agacharem ao pé do berimbau, mas não vi o agogô, reco-reco e atabaque entrarem depois da ladainha, ao contrário, a ladainha é cantada ao som completo da bateria. Também não me pareceu uma regra fazer oração e sinal da cruz, ou finalizar o jogo apenas com toque do berimbau. “A experiência do corpo é sempre modificada pela experiência da cultura.” (RODRIGUES, 2006, p.113)







Além de tantas técnicas do corpo apresentadas e discutidas temos outra questão importante, que é a forma de utilização, vestir ou não, calçar o não, o corpo. O primeiro demarcador de diferença entre a capoeira Angola e regional é o uso da corda ou cordão. Por mais que alguém jogue angola, mantenha alguns rituais, faça chamada de angola, se estiver usando corda, dirão que não é angoleiro. Usar ou não usar cordão, como todas as técnicas e formas de utilizar o corpo, não é apenas uma ação instrumental. “Estas práticas são, portanto, ritos que traduzem para linguagem do corpo toda uma linguagem de comportamento social.” (RODRIGUES, 2006, p.122)

Quando Mestre Bimba introduziu cordão na capoeira Regional não estava inserindo ali apenas um artefato estético. O cordão, ou corda, palavra mais utilizada no universo da capoeira, se apresenta como um sistema de graduação, sistema esse que dentro da tentativa de legitimação da capoeira, buscou se aproximar das formas de classificação tanto da educação formal, quanto das artes marciais orientais.

O modelo de exame de faixas e o pagamento para aquisição da corda levou a grandes críticas, no sentido de que os capoeiristas são comprados e vendidos e se tornam mestres sem a condição de ser. Mestre Bobó *apud* Vieira (1998, p.115) afirma: “Eu não uso cordão porque quando eu aprendi capoeira foi sem graduação. Não é cordão que vai fazer de você um mestre de capoeira.”

Além da corda, temos a vestimenta, a calça e a camisa, o abadá, a regata que para além de meras vestimentas, são carregados de simbologias, concepções de corpo e ancestralidades. Começamos por aquilo que parecia ser regra na capoeira angola, o uniforme preto e amarelo. Segundo Pires (2002) o uniforme preto e amarelo foi escolhido por Mestre Pastinha por representar as cores do seu time do coração, Ypiranga Futebol Clube. Atualmente em Goiânia temos o Grupo Só Angola e a FICA (Federação Internacional de Capoeira Angola) que mantém o uniforme deixado por Mestre Pastinha. No ano de 2003 quando realizei a pesquisa participante no Grupo Calunga de capoeira Angola, o grupo mantinha esse mesmo padrão de uniforme, hoje trocado, assim como o Grupo de Capoeira Angola Barravento, pela cor branca. Mesmo tendo claro que: “A experiência do corpo é sempre modificada pela experiência da cultura.” (RODRIGUES, 2006, p.113) ainda não sabemos o que levou a essa mudança.

“Mestre Pastinha não consentia que se jogasse descalço e sem camisa em sua academia.” (PIRES, 2002, p.74) Ainda não vi ninguém jogando descalço nos grupos de capoeira Angola de Goiânia, sendo que jogar calçado, segundo conversa informal que tive com Mestre Guaraná, estaria associado à proteção os pés. “É sabido que o calçado teve com bastante frequência um prestígio quase mágico em terras de portugueses, valendo como prova de nobreza ou da importância social de quem o usava.” (HOLANDA *apud* QUEIROZ 2000, p.17) Esta passagem apresentada por Sérgio Buarque de Holanda, faz sentido à medida que vários livros e mestres mais antigos relatam que antigamente os capoeiristas pegavam a melhor roupa para jogar capoeira, até mesmo para desmistificar os rótulos de malandro, vagabundo, entre outros associados, aos capoeiristas.

### 3. Algumas considerações





É necessário pontuar que muitas questões ainda precisam ser desenvolvidas sobre as diferenças de técnicas do corpo por gênero, raça e idade, ritos presentes na roda de capoeira, seja a chamada, se é que podemos classificá-la assim, formas de se comportar na roda, tocar instrumento, sentar ou entrar na roda, o jogo especificamente, as formas de entender e utilizar o corpo, seja no vestir, calçar ou marcar o corpo. Enfim, este artigo aparece cheio de lacunas, dúvidas, perguntas, sentido falta daquilo que é característico da Antropologia: trabalho de campo.

Ainda que reconheçamos os limites desse artigo, isso não anula suas contribuições. Compreender como os antropólogos têm refletido sobre as técnicas do corpo de forma geral, nos parece o primeiro caminho para entendermos as técnicas do corpo na capoeira Angola em Goiânia. Como vimos no decorrer do trabalho, algumas escritas vão ao encontro do que está inscrito nos corpos e outras não representam as particularidades da capoeira Angola em Goiânia. Estas inscrições, que não estão escritas, são aquelas que mais nos interessam.

Apenas como uma forma de dar a volta ao mundo, para descansarmos e recomeçarmos o jogo, como acontece no jogo de Angola concordaremos com Daolio (1994, p.45) Em outras palavras, não existe corpo melhor ou pior; existem corpos que se expressam diferentemente, de acordo com a história de cada povo em cada região, de acordo com a utilização que cada povo foi fazendo de seus corpos ao longo da História.





### *Referências Bibliográficas*

ABIB. Pedro. **Capoeira Angola:** cultura popular e o jogo de saberes na roda. Campinas, SP: UNICAMP/CMU; Salvador: EDUFBA, 2004

DAOLIO. Jocimar. **Da Cultura do Corpo.** Campinas,SP: Papyrus, 1994.

FRIGERIO, Alejandro. **Capoeira:** de arte negra a esporte branco. Revista Brasileira de Ciências Sociais, n.4, 1989.

HERTZ, H. **A Proeminência da Mão Direita.** In: Religião e Sociedade, vol. 06, 1980.

MAUSS. Marcel. **Sociologia e Antropologia.** Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MESTRE. Bola Sete. **A capoeira na Bahia.** 4ªed. Rio de Janeiro. Pallas, 2003.

PIRES. Antonio Liberac. **Bimba, Pastinha e Besouro Macangá:** três personagens da capoeira baiana. Tocantins/Goiânia:NEAP/Grasfset, 2002.

QUEIROZ. Renato da Silva (Org). **O Corpo do brasileiro:** estudos de estética e beleza. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

RODRIGUES. José Carlos. **Tabu do corpo.** 7. Ed.rev. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.

SILVA. Alessandra Barreiro. **As manifestações do processo de esportivização da capoeira.** Monografia (graduação). Faculdade de Educação Física. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2005.

VIEIRA. Luis Renato. **O jogo da capoeira:** cultura popular no Brasil. Rio de Janeiro: Sprint. 2 Ed, 1998.

